

# O CONDOR

Anno 1

Maranhão, 27 de Janeiro de 1908

Numero 1

## A nossa divisa

Atravessando uma crise cheia de dificuldades como esta do tempo actual; luctando com toda sorte de embaraços para podermos continuar a viver; emfim, com todas as peripecias porque passamos quotidianamente, não recebemos as desventuras do futuro e surgimos em pleno campo do jornalismo, dispostos a repellar, com energia, as affrontas soezes que se nos atirem.

Nada temos que ver com a politica da terra, porque, no nosso fraco pensar, os pobres e os pequeninos não podem, e não devem mesmo, dar opiniões com relação a este ou aquelle partido, pois, estamos crentes, essas opiniões serão baldadas.

O nosso jornal é bem pequeno no formato, porém é um forte para pugnar pelos interesses do povo, sem levar, com as suas defesas, offensas a quem quer que seja, pois, o grupo de moços que compõem a sua redacção, não se acha desviado do caminho do Dever e da Moralidade.

Diremos algo em beneficio das familias insultadas na sua honestidade e clamaremos, bem alto, Justiça para ellas e punição para os criminosos!

Fallaremos tambem dos celeberrimos literatos que, de dia para dia, vão destruindo, por completo, o valor da poesia e a belleza da próza.

Acceitaremos annuncios e escriptos, em próza ou verso, dos nossos collaboradores, pois, apesar de não ser o nosso jornal inteiramente litterario, teremos, para esse fim, algumas das suas columnas á disposição dos nossos amigos. Os annuncios serão, como acontece em outros jornaes, pagos no acto do ajuste, fazendo-se os respectivos preços inteiramente módicos.

A nossa linguagem, quer seja em beneficio do povo ou mesmo em prol das familias injuriadas, será sempre commedida e decente.

## O teu pranto

A' minha noiva

Quando em tua face o duro pranto corre,  
En sinto a vida como que perdida  
E, te vendo chorosa e entrestecida,  
Minh'alma louca desfallece e morre!...

Porque teu pranto, para mim, querida,  
É fel amargo que em meu peito escorre,  
E minh'alma que a ti jamais socorre,  
Se despede tristinha d'esta vida...

Glorias?... Eu soffro esse cruel martyrio!  
E assim, nas convulsões do teu delirio,  
Me espedaças o peito amargurado!

Eu soffro!... E, n'um silencio desolado,  
Sinto que morre o coração magado  
E que minh'alma vóa pelo empyreo!...

Appolinario de Carvalho.

## AO CORRER DA PENNA

Ultimamente se tem desenvolvido na formosa terra maranhense o grande numero dos litteratos de meia tigella. Quasi que diariamente apparecem nas columnas de um jornal qualquer um novo poeta, um novo prosador... e a terra de Gonçalves Dias chora envergonhada por ver que alguns dos seus filhos são os primeiros, com os seus escriptos oivados de tolices, a offuscar o brilho do seu passado gloriôso.

Hoje em dia um qualquer vendedor de bilhetes de loterias, ou um miseravel engraxador de botas, se arvora em poeta e, sem mais nem menos, eis que surge cynicamente nos a pedido dos jornaes, publicando asneiras e envergonhando esse punhado de moços talentosos que o Maranhão, o Brazil em peso reconhecem como verdadeiros poetas.

Ha pouco tempo um jornaleco da formosa terra de Bruno Seabra disse que o Maranhão é uma «Athenas escangalhada». O que querem?... Porque os snrs. jornalistas maranhenses não fecham

as portas das suas redacções aos Azambujas, aos Madahys, aos Ylluzores, aos Gutterres, aos S. e Silva, aos G. Moreira e outros?... Porque consentem que, embora entre annuncios de batatas e cebollas, figurem versos d'essa quantidade de tolos que desconhecem completamente a sublime Arte de Horacio? Porque?...

Pois bem: já que os jornaes diarios, não sabemos porque motivo, continuam a consentir que os bôbos de cartola manchem as suas columnas escrevendo, sem o menor pudôr, um milhão de asneiras aqui estaremos nós com o nosso pequeno jornal, para batermos em toda a linha essa meia duzia de canalhoeratas de escrevinhadôres ratões, esse punhado de tolos que só servem para envergonhar este pedaço de terra brazileira, outr'ora tão florecente nas Artes e hoje em completa decadencia.

Do campo do combate não nos afastaremos um instante siquer e havemos de mostrar ao publico quem são esses boocios que deram motivo a um jornal paraense chamar o Maranhão «Athenas escangalhada».

D'aqui, da nossa modesta tenda de trabalho, renderemos sempre sincera homenagem aos Grandes, aos verdadeiros poetas, e chicotearemos acerbamente aquelles que, com as suas versalhadas sondeiras, tentam acanahar a litteratura nacional.

Clementino Junior.

## Odorico Mendes

No dia 24 do corrente fez annos que nasceu no Maranhão o gloriôso Manoel Odorico Mendes, que, pelo seu grande saber, muito alto elevou o nome da terra que lhe serviu de berço.

O «Condor», recordando essa data feliz para o Maranhão, rende homenagem á memoria do sublime auctor do «Hymno á tarde»



## O CONDOR

Numero do dia..... 100  
Numero anterior..... 200

## PUBLICAÇÃO—AOS DOMINGOS

Acceptam-se artigos, noticias, annuncios, etc. etc., tudo em linguagem commedia e decente.

O jornal pugnará pelos interesses do povo, nada tendo que ver com a politica do Estado.

## Conspiração

Ao DR. I. XAVIER DE CARVALHO.

O amor, o beijo, a dor e a desventura  
Tudo conspira contra mim, senhora!

Soneto—Americo Cezar

Quanta illuzão!... Arrulham pombas mansas...  
O rubro sol, sugindo, já fulgura  
Nas verdes folhas das viciosas franças.

E, no entretanto, quando surge a aurora,  
«O amor, o beijo, a dor e a desventura  
«Tudo conspira contra mim, senhora!»

S. Luiz—1907 Appolinario de Carvalho

Já vem surgindo a luz da madrugada...  
Fogo uma estrella... mais uma... e outra mais...  
A cada instante a treva se desfaz  
E eu vejo o bando azul da passarela.

Vêo, contemplo as pompas matinaes,  
Ouço os clarins ao toque d'alvorada...  
Mas, mesmo assim, dolente e amargurada  
Minhi'alma branca é traste como os ais!

## Pagina doirada

Faz annos no dia 28 do corrente  
mez o nosso bom amigo Cyrillo  
Antonio Rabello, habil machinista  
d'Alfandega do Estado.

Parabens.

## SAUDADE

Para o R. Lomba

Quando a tarde vem cahindo,  
agora, n'este tempo invernosso, eu  
sinto uma dor intima, uma dor  
inconcebivel, extraordinaria,  
quando me lembro dos sonhos e  
das brancas illuzões do meu pas-  
sado... E esta dor, esta mesma  
anniquiladora da minha vida, se  
repete mais intensa, quando, tam-  
bem ao cahir da tarde, á hora em  
que os sinos soam a «Ave Maria»,  
eu me lembro d'Aquella que está  
distante de mim; d'Aquella que,  
ao mesmo cahir da tarde, estava  
sentadinha a meu lado, ouvindo  
o pulsar do meu coração, com-  
prehendendo as palavras que mi-  
nh'alma balbuciava!

Ah!... E' então n'essa hora  
que eu me sinto ferido po' essa  
dor suprema e angustiosa, pela—  
Saudade!...

A. de Carvalho.

## Edital n. 1

A pezar da quebradeira  
Que trago na algibeira,  
Tenho um desejo exquezito,  
Que hei de cumprir-o, contrito,  
Custe tudo o que custar;  
E' de uma moça encontrar,  
Bonita, meiga e faceira,  
Que tenha muito dinheiro;  
Como sabem, sou solteiro,  
E preciso me cazar!

O que não quero, leitores,  
E' meter-me com amores,  
Sem ter dos *borões* certeza,  
Pois para mim a belleza,  
Não tem o menor valor...  
Mas tratando de dinheiro,  
E' tão grande o meu amor,  
Que sirvo até de *pedreiro*...  
Com toda amabilidade,  
A qualquer uma deidade!

Assim, pois, faço sciente,  
A todos que este virem,  
Que no fim do mez corrente,  
Por Jesus não se admirem)  
Irá meu corpo ao «Leilão»  
Sem faltar um só bocado;  
Assim rezolvo a questão,  
Ficando então combinado:  
A que mais dinheiro der  
Será pois minha mulher.

Frei Broza.

## Religiões

Nenhum povo ha na terra que  
não tenha a sua religião.

Os que adoram um só Deus  
chamam-se monotheistas; os que  
adoram mais uma divindade são  
polytheistas.

Destes ultimos o mundo está  
bem cheio, senão vejamos:

O averento adora o seu Thezou-  
ro, e as altas da bolsa, duas di-  
vindades.

Um Rei adora o seu throno e  
seu exercito.

O Pápa adora a mitra e o caja-  
do.

Uma moça bonita adora o namo-  
orado e os presentes que este  
traz.

A mulher cocotte adora o pen-  
teado e os bons vestidos.

As sogras adoram as brigas e  
as intrigas.

Os janotas adoram as boas fa-  
zendas e os paletots... rachados.

O vagabundo adora a falta de  
trabalho e o somno.

E eu adoro... adoro... sim, a-  
doro um pedaço de pirarucu assa-  
do com um pirão de assahy que  
chego a ficar.....

Rozinho.

Era lindo o céu da manhã, so-  
prava o vento da costa.

Gemiam as insarças do «Santa  
Thereza» e, commovido, o fragil  
barquinho parecia soltar de vez  
em quando, gemidos de saudade!

E' que já não tinha a seu bordo  
aquella que a doze horas antes  
fizera as delicias da viagem. Sim,  
já havia saltado, já não se encon-  
trava mais a bordo a encantadora  
Mariquinha, a virgem do Cumã.

Pobre barquinho! Que momen-  
tos de felicidades não passastes,  
trazendo bem juntinho a teu seio  
esta que agora é cauzadora do teu  
supplicio!

Ai! pobre barquinho; as mulhe-  
res são como as nuvens, que se  
formam de um mesmo vapor mais  
ou menos condensado e no entan-  
to são tão diversas!

Vai, vai barquinho... bem sabes  
que a felicidade é pouco duradou-  
ra; fostes feliz trazendo-a, quero  
ser feliz levando-a; eu tambem a  
amo, barquinho!..

Rozinho.

## Motte

Sem amor não ha ventura  
Neste mundo enganador.

## GLOZA

Disse-me um dia a «Inúra»  
Morena meiga e geitosa:  
Eu quero amar-te Feitoza,  
«Sem amor não ha ventura»  
E' de Deus a creatura,  
Que tenha a outrem amor;  
Por piedade e favôr,  
Livra-me, pois, da tortura,  
Protege bem tua Inúra,  
«Neste mundo enganador.»

Feitoza,

Para o numero seguinte, o snr:  
Feitoza glosará:

Meu Deus! meu Deus! quanta dôr,  
Eu sinto por minha Bella!

Phinêas.

## PENSAMENTOS

Trabalhar e vencer, eis a minha  
divisa, trabalhar pela intelligen-  
cia, vencer pela vontade.

Candido Mendes de Almeida.

O homem só tem o passado e o  
futuro, o passado para chorar e o  
futuro para temer.

Almeida Garrêtt.

Qualquer melhor o faria, porém  
tão d'alma ninguem.

Almeida Garrêtt.

Mas mata a vida a fogo lento do  
que a dôr que fica e que se diz—  
saudades.

Bulhão Pato.

Pão ha nada igual á virtude, e a  
pugeza; a mulher quando é casta  
e virtuosa, vale mais que todos os  
grandes thesouros. Portanto, eu  
amo a pureza e adoro a virtude!

Phanêis.

## Breve...

PARA O CORRÊA D'ARAÚJO

Vae vêr aquelle que por ti, em vida,  
Sempre soffreu e palpitou de amôres!  
Vae vêr os restos do poeta triste;  
Vae, linda estrella de eternaes fulgôres!...

Vae, que talvez, ó minha virge! amada,  
O poeta, ao sentir teu passo amigo,  
Forte e disposto, tornará a vida,  
De amôres louco, pe'a viver contigo.

Mariano Chagas.

Quando o poeta fór baixando á campã,  
Em uma tarde de belleza pura,  
Ajo formoso, vae beijar-lhe a face,  
Reza por elle na maior ternura!

Vae contemplar-lhe o rosto seu tão pallido,  
Virgem, vae vêr, quem só soffreu na vida,  
—Leva-lhe versos, borboletas, flores,  
Vae vêr-lhe ao menos, minha flor querida!

## Duas perguntas ao Bemzinho

Pergunta-se porque razão o a-  
migo tratou de lançar para o ri-  
diculo a cocheira de carros de  
luxo, que vendeu ao sr. Zéca Al-  
meida?

Porque razão faz reclamo, com  
o nome alheio, para a sua cocheira,  
sem auctorisação do dono?

Responda, Bemzinho Lazaro!

## Perguntas urgentes

Snr: autor da *Carteira de um*  
*Neurasthenico*:

Em que ficou o convite que o  
poeta das *Missas Negras* lhe fez?

O Snr: já está ou não disposto a  
assignar a carta que o poeta quer  
dirigir a qualquer um philologo  
de Portugal ou do Brazil?

O verbo *ladrar*, que vem do ver-  
bo latino *latrare*, siode ou não, no  
caso em que o poeta o empregou,  
estar no sentido transitivo?

Aquelle *a* do verso—«E tu em  
baixo como um cão que *a* ladra...»  
—sem crase, está ou não bem em-  
pregado?

O verbo *ladrar*, ali, não pode ser  
synonimo de *insultar*, empregan-  
do-o como transitivo?

Responda-nos!

## PERGUNTA...

Sabes qual o meu desejo,  
A tarde, quando te vejo,  
Na janella debruçada?...  
E' dizer-te docemente,  
Quanto soffre, quanto sente  
A minh'alma apaixonada!

Quando te fito os olhares,  
São tantos os meus pezares,  
E' tão grande a minha dor...  
Pois eu não posso, divina,  
Na tua bocca purpurina,  
Vêr um sorriso de amor!

E... é tanta a commoção,  
Que sinto no coração  
Ao fitar tua face bella;  
Que minh'alma embevecida,  
Em vez de olhar-te, querida,  
Parece vêr uma estrella!

R. A. Lomba.

## Deshonra e calamidade

Vão marchando acelerada-  
mente para os antros da devassi-  
dão o nosso pobre e infeliz Mara-  
nhão.

Já não ha mais justiça n'esta  
desgraçada terra, onde o defloramento,  
a deshonra, os insultos,  
entim, todas as sortes de calamidades  
campeiam desabridamente.  
De dia para dia vão-se desenrolando  
factos repulsivos, de todo o  
ponto condemnaveis, sem que, ao  
menos uma vez, a justiça queira  
dar um ar de sua graça. E, sinão,  
vejamos o facto horripilante de  
que vamos tratar.

Ha umas trez ou quatro sema-  
nas que sabemos de um caso de  
defforamento na pessoa de uma  
patricia nossa, do qual é auctor,  
segundo fomos informados, um  
portuguez bastante conhecido do  
nosso povo.

Antigamente, quando se dava  
um facto d'este, era considerado  
como um verdadeiro phenomeno,  
uma cousa extraordinariamente  
absurda, e, n'estas condições, ap-  
parecia esplendorosamente o su-  
blime conforto dos offendidos—a  
Justiça da terra! Hoje, porem, já  
não succede assim. Estes factos

já estão tão bem conhecidos que, em vez de phenomenos, se parecem com uma epidemia qualquer que váe liquidando uma população em 24 horas!

Quasi todo dia se vê uma questão entre familias, originada exclusivamente por semelhante abuso que constitue satisfação de certos desejos miseraveis e que, nos olhos dos nullos e ignorantes, é uma bravura sem igual, uma gloria incomparavel...

E as victimas, sem achar quem lhes patrocine a causa, ficam atiradas ao bordel, ficam entregues aos braços nefandos da prostituição, vendendo, a toda hora, os assassinos de sua honra passeiarem livremente, menoscabando da Justiça e escarrando na face da lei!

Os que são ricos ficam impunes, porque, para elles, a lei não foi estabelecida. E os que o não são? Os que não tem cousa alguma de seu, a não ser a noite e o dia?... Porque não soffrem?... Porque são brancos e as moças offendidas são pretas...

Ah! na occasião do delicto o criminoso não procura saber quem é a pobre que váe servir de alvo de desabafo das suas paixões libidinosas, para mais tarde vir declarar, sem pejo, sem consciencia, que a moça é preta ou que não era mais honesta e que, por esse motivo, aliás *justo*, não pode casar-se!

Por que razão não repara, antes de commetter o crime, a qualidade da pessoa? Porque não trata de saber se é pessoa de bons costumes, ou não?... E', então, porque só deseja dar expansão á sua indole perversa e má.

Pois bem: para os ricos tambem ha lei, pois ella foi feita para os grandes e os pequenos, para os ricos e os pobres, para os brancos e para os pretos:

#### DURA LEX SED LEX

E o tal portuguez que, cynicamente, offendeu a moça cujo nome ignoramos, pobre, pauperismo e não está em melhores condições do que a victima. Pode, portanto, reparar a falta, descarregar a consciencia negra, obedecendo, sem mais demoras, o disposto nos artigos do código Civil—casando-se.

Mesmo que elle seja melhor, na qualidade, isto é, na cor, deve e, forçosamente, é preciso casar

com a pobre moça illudida na sua boa fé, é necessario casar com a victima da sua seducção.

E se assim não fizer, sinão procurar pagar a divida de honra a pobre moça desprotegida da sorte, nós, já que ella não tem quem lhe defenda a causa, havemos de pugnar pelos seus direitos, d'aqui, da tribuna da imprensa, no nosso pequeno jornal, clamando, em alto e bom som, sem receio das ameaças dos cumplices, punição severa para o corruptor da honestidade alheia, pedindo a intervenção da Justiça de nossa terra e gritando, aos ouvidos dos grandes da seguinte forma:

Consciencia! Justiça! Punição!  
E, após essa gritaria incessante e ensurdecedora, apontaremos a phrase latina:

*Dura lex sed lex!*

#### Fico damnado

com as sarnas de Luiz Menezes,  
com o dedo de José Corrêa.

com as espinhas do Manoel Berlic.

com as pernas do Mundico Lima.

com o francêz macarrônico do A. Lobão.

com o pedantismo do A. Serra.

com a altura estupenda do S. Pinto (do Correio)

com o collarinho do Alix Menezes.

com a cabelleira do Theodoro Santeiro.

com a bolça do Paulo dentista.  
com a gebozidade do Sant' Clair Souza.

com as syphilis do Clarindo Cabral.

com os olhos do Tãta Cortezia.

com a dentuça do Antonio Coelho.

com aquêlê lê... lê... lê... das minas.

com a bôca do Manoel Nunes.

com o pedantismo do Antonio Menezes.

com a cartôlla do Zéca Jesus.

com o pescoço do Guadalupe.

com o andar de perú manhoso do Antonio (do Correio).

com os beijos do Sacramento.

em todo Carcamano que uza paletó fuchado... atraz,

com a figura muito comprida d'um caixeir da «Loja Brasileiro».

Acabo, ficando damnado com-migo mesmo.

#### Aviso

Tomos sobre a nossa mesa do trabalho, para receber a ultima «pá de terra», um soneto (3), obra prima em litteratura, que se acha assignado por um dos mais illustres talentos do Maranhão.

No proximo numero havemos de apresental-o ao publico.

Brevemente apparearão as «Cartas do Compadre Lourenço», do apreciado poeta Euclides Faria.

Circulou nesuta capital, no dia 20 do corrente, o «Jornal dos Artistas», sob a direcção do sr. Adalberto Silva.

#### Visconde de Taunay

Passou a 25 do corrente a data do fallecimento do grande brasileiro, cujo nome glorioso serve de titulo a estas linhas.

O Visconde de Taunay, que foi homem notavel na politica do imperio, escreveu diversas obras litterarias, salientando-se, entre estas pela sua meiguice, o mimoso livro "Innocencia".

Embarcou para o Rio de Janeiro, no vapor «Maranhão», a 17 do corrente mez, o 1.º sargento do 22.º batalhão d'infantaria, Antenor Gregorio de Carvalho Britto, que se achava addido ao 5. da mesma arma, na Guarnição d'esta Capital.

Foi acompanhado de sua esposa e filho.

A todos desejamos uma prospera viagem e muitas felicidades no lugar onde vão residir.

Alguns moços pedem-nos a publicação do seguinte:

No proximo carnaval sahirá, percorrendo diversas ruas d'esta cidade e algumas casas de familia, a orchestra dos *Cacaos*, sob a regencia do maestro *Ignoro*.

Ahi fica o pedido satisfeito.

Por motivos bastante justo, deixou de circular honte, conforme dissemos, o nosso pequeno jornal. Entretanto, cumprimos hoje com o palavra e pedimos mil desculpas aos nossos amaveis leitores, pela falta commetida.

A Colmeada Meditação de Ocho.

# O CONDOR

MARANHÃO

Anno 1

Maranhão, 9 de Fevereiro de 1908

Numero 3

## De azorrague em punho!

O Maranhão, desgraçadamente para a literatura, atravessa actualmente um período nocivo e pernicioso que, se assim continuar, ha de fatalmente trazer grandes e funestos males á mocidade estudiosa e rica de saber, que ora se levanta.

Para corroborar esta asserção, basta que o leitor se dê ao trabalho de lêr, por simples curiosidade, a secção—a pedidos—dos jornaes da terra, onde, quasi diariamente, como cogumelos, brotam chorrilhos de asneiras e sandicos tallhados á foice, em forma de soneto, e firmadas por vendedores de camarões, bilhetes de loteria, engraxates, & companhia.

Os imbecis e sandeus julgam que fazer versos seja o mesmo que dar lustro num sapato ou vender á loteria do Rio ou de Sergipe.

Ignorantes ou mentecaptos!?

Mas, para vergastal-os apparecemos hoje—de azorrague em punho—para vêr si d'est arte esses ignorantãos não mais tripudiam sobre a metrica nem tam pouco offendam os manes de Camões, Castilho, Gonçalves Dias, Castro Alves, etc, etc.

Assim, pois, para começar, apresentamos aqui um acervo de boçalidades, e para transcrevel-o, pedimos a necessaria venia;

## A VELHICE

(Ao Guio Belleza)

Eis que chega a velhice e de repente  
Desfazendo illuzões, matando enganos.

Padre A. Thomaz.

A velhice representa a magestade,  
A imagem do amor, de adoração;  
Com seus cabellos brancos—a divindade;  
Representa a figura do ancião.

Com o passo lento, em longa idade;  
A cabeça inclinada, os olhos no chão;  
E' o symbolo da Paz e da Amizade,  
E' o Thesouro fiel do coração.

Basta para a velhice a esperança,  
No seio da familia em doce ninho,  
Depois da longa viagem que desceança.

Adorado pelos filhos com carinho,  
O velho Páe diz á loira creança:  
E' quem me dá calor o meu netinho!

18—12—907.

(GAXIAS)

Cunha Junior.

(publicado nas editoriaes do «Diario do Maranhão» n. 10,340, de 10 de janeiro p. findo).

O titulo—A Velhice—por si só vale uma epopéa, e é um vasto e magnifico thema para uma conferencia, já que estão na ordem do dia as conferencias literarias.

O illustre desconhecido a quem é dedicado o tal prato de feijão indigesto, sendo um moço simples e modesto, talvez muito tenha se contrariado com a tal dedicatória.

A citação é o que ha de mais soberbo; é como se fora uma custosa porola sobre aguas putridas boiando... e mesmo porque o nome do Padre A. Thomaz, é sobejamente conhecido no nosso paiz, como um primoroso e fecundo sonetista.

A produção que ahi fica e que talvez o Senr. Cunha Junior, de Caxias, julgue uma joia literaria, não se recommenda em cousa alguma e... ipso facto não presta.

Si o mesmo Senr. tiver occasião de ler estas linhas, tome para seu proveito este conselho que lhe damos gratis pro Deo:

Melhor, muito melhor seria que o Senr. Cunha Junior, de Caxias, se dedicasse a outra cousa de mais utilidade para si, pois que ficou cabal e inconcussamente demonstrado pela leitura da sua produção, que em materia de "sonetar" o alludido poeta é méra nullidade. Senão vejamos:

A obra prima que vindes de lêr, caro leitor, tem versos de nove, dez e onze syllabas: portanto, a metrica foi miseravelmente assassinada.

No primeiro quarteto, diz o poeta entre muitas asneiras o seguinte:

A velhice com seus cabellos brancos representa a figura do ancião!

Hom'essa! Então, aqui por casa, andavamos em crasso erro julgando o contrario, isto é, que a velhice tivesse cabellos pretos e, por conseguinte, representasse a figura do adolescente.

Esta só tirada...

O resto é um embroglio de palavras sem nexos, disparatadas e sem sentido.

E' triste! Supinamente triste!

Esse senr. Cunha Junior faz pendant com stão Gonçalves Moreira que teve agora o arrojo de trocar a vendagem de bilhetes de loterias pelo "exdruxulo cultivado" das Musas.

Por ahi se vê, a desassombrosa semceremonia com que esses meliantes se atiraram ao fabrico de sonetos (r) que peccam pela forma, pela falta de sentimento e de originalidade e, enfim, pela maneira de executal-os *comme il faut*.

## (Abrindo um livro.)

A. A. F.

Como um rio, que vem de longe se ampliando,  
com remotos caudales,  
assim o teu amor foi vindo se augmentando  
de pingues cabeceles.

Como um rio, que vem juntando em sua esteira  
destroços da jornada,  
assim o teu amor minha alma, na carreira,  
a trouxe acorrentada.

Como um rio fugaz, rapido, correndo,  
vae tudo avassalando,  
assim o teu amor, num subito crescendo,  
meu ser foi dominando.

Como um rio, que vem descendo sobranceiro,  
e que não torna atrás,  
assim o teu amor tomou-me todo inteiro,  
sem me deixar jamais.

Como um rio, que vai levando na voragem  
tudo quanto encontrou,  
assim o teu amor, na celere passagem,  
os restos já levou do tempo, que a miragem  
dos sonhos do passado outr'ora edificou!

(Das Rimas)

G. R.

## O CONDOR

Numero do dia... 100  
Numero anterior... 200

PUBLICAÇÃO—AOS DOMINGOS

Acceptam-se artigos, noticias, annuncios, etc. etc., tudo em linguagem commedia e decente.

O jornal pugnará pelos interesses do povo, nada tendo que ver com a politica do Estado.

## O effeito da cachaça

Jozé Liborio era um portuguez que, vindo de sua terra natal para o Brazil no intuito de adquerir a vida, estabeleceu-se com uma pequena taverna no largo de S. Chrystovam, no Rio de Janeiro. Ali, foi elle pouco a pouco introduzindo-se no commercio de maneira que em poucos mezes todos o tinham como milionario; e, como sempre acontece, o unico assumpto de discussão era a *Fortuna do José Liborio*.

Uns opinavam que se elle em tão pouco tempo juntara essa fortuna era por que á noite, em horas mortas, passava contrabandos, pois, para isso, dispunha de pessoal apto. Outros asseveravam que se elle possuía dinheiro, era exclusivamente producto de suas economias, pois, para fazel-as, almoçava, pela manhã, bolachinhas com bananas e á tarde, para variar, o jantar era bananas com bolachinhas.

O que é certo, porém, é que o José não tinha familia a seu cargo; não era extravagante e tinha tão grande aversão á cachaça que, em se fallar n'ella, no seu estabelecimento, era affrontal-o! E se por ventura, algum freguez lhe perguntava qual era o preço de uma garrafa de restillo, elle agarrava-o pela bertura da camisa e, em tom colérico, gritava:

O sr. quer tomar gosto commigo?... Nesta caza não se vende restillo!... Está ouvindo!... Veja que não sou de brincadeira!...

De maneira que ninguem se atrevia mais a fallar em cachaça no seu estabelecimento.

Uma tarde, depois do jantar, como não tivesse nenhum freguez para aviar, o Jozé sentou-se n'uma caixa de kerozene que lhe servia de banco, lendo um jornal. Subitamente foi interrompido por

um sujeito que, em voz aspera, perguntou-lhe:—O Sr. tem cachaça boa?... Veja um grog que estou agoniado e se não tomar qualquer calmante sou capaz de commetter um crime? Mattar um homem, talvez...

O José quiz a principio reagir tal desaforo, mas temendo que aquelle sujeito, de rosto tão afogueado, lhe d'esse qualquer bofetão, decidiu-se então a levar o negocio com calma; e simulando uma alegria que estava longe de sentir perguntou-lhe:—Vm' perdõe-me, mas por ventura, a cachaça é calmante?

Se é calmante? Não sabia? Pois é. Ella tomada demaziadamente é prejudicial, tira o juizo; mas tomada em pequena quantidade faz desaparecer a fadiga do corpo e a pessoa volta ao seu estado natural.

Emquanto o sujeito dava-lhe esta explicação, o Jozé, que era muito mezinheiro, abrindo uma gaveta tirou um livro no qual escreveu em letras garrafas «CACHAÇA É CALMANTE».

Mas quando se dispunha a fechal-o, eis que lhe apparece um outro sujeito que, embrulhado n'um capote, com a tez muito amarellecida, com uma voz debil perguntou-lhe:—O Sr. tem restillo bom e forte?... Dê-me um grog para ver se esta sezão me abandona, pois só cachaça é que me passa o frio que é indubitavelmente o signal de febre.

O Jozé ficou boquiaberto e perguntou:—Cachaça é boa para frio?

Se é? Não sabia?... Pois meu caro, se não existisse cachaça, há muito tempo eu não existiria também. Se ainda fallo commigo é graças á Benvolencia de Deus e á acção da cachaça.

O Jozé, abrindo o livro, escreveu com letras maiores que as da primeira vez: «CACHAÇA TAMBEM É BOA PARA FRIO DE SEZÃO».

Após a sahida deste ultimo, o Jozé debruçou-se no balcão e disse de si para si: «As couzas são assim mesmo; não há nada no mundo que não tenha utilidade!»

«Eu tinha a cachaça como uma bebida que só servisse para os viciados... os bebedores... Entretanto, ella também tem a sua utilidade e amanhã muito cedo irei comprar um barril!...»

Mas, quando estava assim projectando, entra um outro sujeito e, com os olhos fitos n'elle, exclamou:—Que calor! Só parece que a humanidade vaee morrer asfixi-

ada! Dê-me um grog, uma cachaçinha boa que me regele o sangue...

O Jozé, desta vez não se poude conter e, com o olhar espantado, gritou: «Ora sêbo! Cachaça para frio! Cachaça para raiva! Cachaça para calor!... Mas, pelo sim e pelo não, escreveu no livro, com letras maiores que as das outras vezes «CACHAÇA TAMBEM É BOA PARA CALOR!»

No dia seguinte, pela manhã muito cedo, o Jozé levantou-se e, depois de tomar um succulento banho, vestio-se e sahio para comprar o barril de cachaça; e effectivamente comprou-o e mandou, com grande assombro de quem o conhecia e sabia da sua excentricidade, conduzil-o para o seu estabelecimento.

Chegando em caza, mesmo antes de se despir, furou com uma pua o barril e pegou n'um calix derramando um pouco d'esse liquido dentro para fazer um exame e ver se era tão alva como lhe garantiram. (Mas... era o diabo!) Há dois dias que não achava os oculos. Por mais que procurasse não os encontrava. E, cansado, já estava rezolvido a não mais procural-os.

De repente estacou, e, pegando o calix, solveu todo o liquido que tinha dentro, dizendo:—Se tu és boa pr'a tudo quero ver agora!

Imaginem, leitores, qual foi seu assombro ao ver n'um dos pregos da prateleira, dependurados, os seus oculos.

Então, correu á gaveta, tirou noyamente o livro e, abrindo-o, escreveu ainda:—CACHAÇA TAMBEM SERVE PARA SE ACHAR OCULOS...

E desde esse dia, o Jozé, que era o modelo dos commerciantes, sem vicios, muito economico, só vivia ebrio, porque, pela manhã, fazia frio elle tomava um grog; ao meio dia, muito calor, outro grog; á tarde apparecia-lhe o mal-estar devido ao alcool, outro grog; por isso que em poucos mezes fechou a taberna entregando-se de corpo e alma aos vicios da embriaguez e da ociosidade.

## Declaração

Declaramos ao publico d'esta Capital que o sr. Raymundo Rodrigues, autor do artigo—*Prevenção*—, dirigido ao sr. Bidico Rodrigues, ao que parece, seu des-affecto, não faz parte do nosso corpo de redacção.

Concurso de belleza

VOTO NOMINAL

N. 2

na moça

Maranhão, 9 de Fevereiro de 1908

Assinatura,

Concurso de sciadade

VOTO NOMINAL

N. 2

em

Maranhão, 9 de Fevereiro de 1908

Assinatura,

Damos em seguida os nomes das senhoritas e cavalheiros que têm tido votação nos concursos acima abertos.

SENHORITAS:

	VOTOS
Lydia Helena da Silva	7
Candida Billo	7
Maria da Purificação Teixeira	2
Christina Filgueiras	4
Raymunda Pinheiro Ribeiro	4
Colinha Mattos	3
Francisca Desterro	3
Etelvina Costa Ribeiro	1
Celeste J. Ribeiro	1
Eucaris Pinheiro Ribeiro	1
Francisca Ramos	1
Sebastiana Prado	1

CAVALHEIROS:

	VOTOS
Eudamidas Guadalupe R. Gomes	11
Manoel Biza	6
Zezeio Lombinha	3
Antonio Calvét	3
José Lucas	3
Fausto Santos	3
José Araujo	2
Antão da Costa Salles	1

Prevenimos que no fim de 30 dias, a contar da data da abertura dos concursos, que foi em 2 de fevereiro do corrente anno, proceder-se-ha á distribuição dos premios que foram promettidos.

SONETO

A. A. A.

Tú, cuja imagem n'um secripto occulto,  
Como um perfil eterno, eterno vulto,  
Rendo preito fiel de adoração;

Deixa que eu venha, em lucida alegria,  
Nas azas virgíneas da poesia,  
Atrair aos teus pés—meu coração!

Francisco A. de Moraes Régio.

Tú que não sabes quanto é curta a vida,  
E longo, e muito longo o soffrimento;  
Que não sabes, creança, o que é o tormento  
De uma só alma em duas dividida;

Tú, meu lyelo de amor, eodem florida,  
Meu proprio coração, meu pensamento,  
Nome que não m'esqueço um só momento...  
Mulher que frago em mento reflectida!

Pagina doirada

Fizeram annos:  
No dia 3--o sr. Balthazar José Pereira, abastado capitalista;  
no dia 5--o sr. dr. Manoel Bernardino da Costa Rodrigues, M. D. Chefe do Partido Republicano Federal;

no dia 8--o sr. coronel Alexandre Cantanhede Collares Moreira, M. D. Intendente Municipal;  
no mesmo dia--o sr. Virgilio de Souza Maximo.  
A todos «O Condor» apresenta parabens.

Motte

Ai! Jesus! que tropelia,  
Que desespero, que sorte!...

Phinças

GLOZA

Não corras muito, Maria,  
Vem cá, Janjão, toma côco...  
Não quebra a bilha, Tinôco!  
«Ai! Jesus! que tropelia...»  
Muda essa roupa, Sophia;  
Não te julgues muito forte,  
Linha-te ao menos da morte.  
Joanna... embala o Zezico;  
Não coma as bróas, Perico;  
«Que desespero, que sorte!...»

Feitoza

Para o proximo numero o sr. Feitoza glosará:

Quando Maria casou,  
A Bertha triste ficou...

Precisa-se de vendedores para este jornal.

Homenagem merecida

Não é só por sêr admirador da cultura de espirito destes jovens que dirigem esta elegante e graciosa folha, que venho por intermedio da mesma dizer ao povo de minha terra, que dos jornaes ultimamente publicados nesta capital, foi este o que mais me agradou, não só pela leitura amena, como pelo seu formato artistico.

Possuo sobre minha meza de estudo os dois primeiros numeros deste periodico, e entre os artigos e produções poeticas notei as seguintes: *A noss adiviza*, *Deshonra e calamidade* e um bello soneto de Apolinario de Carvalho intitulado — *O teu pranto*; produções estas que me lavaram o peito e encheram-me de cora-

gem por vêr o adiantamento deste pedaço de terra que tanto amo e adoro.

Aos digníssimos directores d' «O Condor» felicito pela boa idéa que tiveram fundando esta esperançosa folha, á qual desejo uma vida longa, prospera e cheia de victorias.

S. Luiz. 9-2-08.

Julio Ramos

### Charadas Novissimas

—Alto lá! Eil-o que fica! -2  
Pede um silencio profundo;  
Não me importo, podem crer,  
Com as cousas d'este mundo.

Eu vos desejo, leitores,  
Toda sorte de venturas, -1  
Pois, desta forma, bem vejo  
Que não tereis amarguras.

### CONCEITO

O conceito não precisa;  
Ha tantas decifrações,  
Que, acreditem, leitores,  
Eu vos dou as saudações,

—No jardim e no Universo é nome proprio 2-2.

—Na musica e na semana é instrumento 1-2.

—O instrumento e o animal é instrumento 2-1.

### Couzas com que mamãe se aborrece...

Com todos os rapazes que tiverem de carregar o *pão furado velho cançado*;  
com o andar do Appolinario de Carvalho;  
com a bolça do Goethe Souza;  
com a lambança do Moraes Rego (do Correio);  
com o nervôzo do R. Lomba;  
com o collarinho do Americo Cezar;  
com a arrelia do Pinheiro;  
com as mentiras do Novães;  
com o pedantismo do Eudami-das Guadelupe;  
com todas as moças que dizem:  
—“Nós não cazamos mais por cauza do Sorteio Militar”;  
com a tunica de alumno da E. Militar, do Paulo Machado;

com uma moça que só não namora carrapato por não saber qual o macho;

com todo prêto que, vestido da mesma cor e de chapêo cinzento na cabeça, fica um inteiro charuto com a respectiva cinza;

Acaba finalmente, mamãe, se aborrecendo com todas as moças que, sendo feias, uzam certos ingredientes para se tornarem bonitas.

### ERRATA

No 1.º verso do 2.º quarteto do soneto—A tua auzencia—, publicado no 2.º numero d'este jornal, onde se lê *mais*, leia-se *mas*, visto que a palavra é conjunção e não adverbio, como sahiu.

O mesmo succede no ultimo verso do 2.º quarteto, que é aquelle acima citado.

### Noticiario

Somos informados de que, brevemente, surgirá na arena jornalística—*A Rolha*—, periodico independente e humorístico, que fará as delicias do bello sexo e procurará exterminar a caterva de *poetas e litteratos* que envergonham a nossa velha Athenas.

### Regicidio

Ao Governo do nosso Estado e ao Consulado Portuguez foi transmittida, pelo telegrapho, no dia 2 do corrente, a tristissima noticia do assassinato de D. Carlos I, Rei de Portugal, e do de seu filho, D. Luiz Felipe, o Herdeiro presumptivo da Corôa.

O *Condor*, associando-se ao acerbo desgosto que soffreu o nosso velho e amigo Portugal, apresenta sinceros pesames a S. M. a Rainha D. Maria Amelia, aos Portuguezes em geral e especialmente aos residentes no Maranhão.

Do sul da Republica chegou o nosso distincto amigo 2.º Tenente Antonio de Castro Pereira Rego, digno representante no Congresso Estadual—  
Parabens.

### Cinematographo

Pessimamente funcionou no dia 2 do corrente o cinematographo da Empresa Maurice Lyra & C., presentemente trabalhando na nossa casa de espectaculos. Pessimamente sim, não só pelo effeito da luz que ora apagava, ora ascendia como tambem pelas vistas que erão na sua maioria bastante conhecidas do nosso Publico.

Quando o espetáculo achava-se no meio foi suspenso á pedido do Sr. Governador do Estado em virtude da tristissima noticia do assassinato do Rei de Portugal.

Brevemente chegará á esta Capital, a Companhia de Operetas, Magicas e Revista do sr. Francisco Souza, sendo empresario o sr. Juca de Carvalho.

### Aviso

Em artigo *raso* e sob a epigraphe—De bisturi em punho—trataremos, no proximo numero, da *individualidade litteraria do poeta* das loterias que acode pelo nome de Moreira dos Gonçalves.

### Vida Catholica

Muito concorridas estiveram as conferencias realisadas na Igreja Evangelica Presbyteriana, á Praça d'Alegria, pelo Revm. E. A. Nelson, d'esde 2.ª até 4.ª feira do mez ultimamente findo.

O talentoso conferencista muito agradou a todos aquelles que lhe ouviram.

### Culto Evangelico

Celebra-se no templo da IGREJA EVANGELICA PRESBYTERIANA, á Praça d'Alegria, aos Domingos e quartas-feiras: aos Domingos, ás 10 horas da manhã e 7 da noite, sendo a ESCOLA DOMINICAL, ás 9 da manhã; ás quartas-feiras, ás 7 1/2 da noite.

Para estes actos evangelicos são todos cordialmente convidados. Entrada sempre franca.

«VINDE E VEDE»

S. João 1: 39.

# O CONDOR

Anno 1

Maranhão, 16 de Fevereiro de 1908

Numero 4

## De machado em punho!

Na ultima edição, fizemos a previa comunicação de que, neste numero, e obedecendo a epigrapha — de bisturi em punho, — trataríamos da dissecação cadaverica-literaria do fuão Gonçalves Moreira.

Pensando melhor, resolvemos mudar de ferramenta, em virtude de ser o bisturi um instrumento mui delicado e improprio para esquarterar a obtusa e burlesca individualidade zebroide que temos em vista reduzir á expressão mais simples ou á zero. Por conseguinte, vamos a machado com elle, para que o nosso desideratum surta o necessario e benefico effeito.

Em um dos ultimos dias desta semana, um dos nossos companheiros indo buscar um par de sapatos que mandara concertar em casa de um remendão, e por uma casualidade dessas "que descem de Além", se lhe deparou que servia de envoltorio aos referidos bates um exemplar do jornal "A Pocotilha", n. 159, de 6 de julho do anno p. passado, em o qual vinha estampada a brutalidade abaixo transcripta que, certamente, faria rir á bandeiras despregadas, si ainda não tivesse passado desta para a melhor, o nosso nunca esquecido Fabio Ewerton.

Eil-a:

### Procissão

*Jesus; ao centro como bom pastor nos guia,  
A' seguir o caminho da vida eternizada,  
Convicta a multidão espera que um dia...  
Finde-se a jornada, tendo como certa a conquistada.*

*Formando alas, virgens, ao peito refulgia  
A' estampa do coração de Jesus encastoadá,  
Reflecte em seus labios a luz da alegria  
Dos corações christos de creança festejada.*

*Divinamente bello e puro este cortejo!...  
Vejo Deusas de carnes em uni só lampejo,  
Todas envoltas em perfumosas flores,*

*Cantam hymnos de amor como o vibrar do  
beijo!...  
Em os labios rubros da mulher que vejo,  
Tão cheia de graças e triumphaes flugores.*

Gonçalves Moreira.

Ja viram por acaso algum dizer tantas asneiras juntas com bastante circumspecção, sisudez, criterio e elegancia em quatorze linhas rimadas?

Este gajo é do grupo daquelles para os quaes a Intendencia não pode ainda conceder licença para andar livremente de quatro pés, em virtude dos muitos specimens que existem n'esta cidade e, que são, á miudo, importados do Piauhy e minas, para o serviço de conducção e transporte.

Na secção de cebolas e batatas é que figura o *suneto* publicado no referido n. do alludido jornal.

Num tour de force de brual insensatez e dando redea solta á ignorancia que lhe fermentava no atrophiado bestunto, este senr. Moreira ou loteria, como vulgarmente é conhecido, teve a inaudita coragem de dar publicidade a *isso* que não merece sequer a honra de um qualificativo.

O tempora! o mores!

Versos de dez a quinze syllabas, o paciente leitor teve occasião de passar em revista n'essa porcaria (eureka! este é o qualificativo adequado) que acima ficou transcripto e onde se lê disto:

*Convicta a multidão espera que um dia...  
Finde-se a jornada, tendo como certa a conquistada.*

! ? ! ? ! ? ! ? ! ? ! ? ! ? ! ? !

Tableau!

O autor deste laborioso parto, é um rapaz que tem o aplomb de boi de carro e que andando no *de-gagá* de um elegameis ucanhada, vive a todo instante, qual macaco, se mirando, pelas ruas, em um espelhinho que sempre traz consigo.

Segundo algures ouvimos, esse meliante diz-se ser o continuador da grande obra do incomparavel lyrico Gonçalves Dias.

Audace fortuna juvat!

Deixamos de entrar em minuciosas apreciações sobre o assumpto, por que o senr. Moreira não merece a honra que "O Condor" lhe queria dar, analyzingo

rigorosamente essa deturpação poética que tivemos hoje occasião de apresentar aos nossos amáveis leitores.

ET DIXIT...

## Lamentando os nescios

Continua bastante peor o nosso velho e querido Maranhão, pois, como dissemos no 2.º numero d'esta folha, os seus filhos assim o querem. Em vez do cultivo necessario da intelligencia, ressurge, dia a dia, empunhando o sceptro da boçalidade, a exma. senra. d. Ignorancia...

Algumas moças, nossas patricias, na quasi totalidade, completamente alheias ao cultivo das letras, quando não encontram distração, atiram-se, sem mais nem menos, como animaes ferozes, contra este grupo de rapazes que, pela força extraordinaria de vontade, rendem um preito de adoração a essa Arte sublime—a litteratura!...

Que dôr profunda nos martyrisa a alma todas as vezes que temos de lamentar semelhante infortunio, mórmente quando se trata das nossas patricias! Mas... que fazer!...

Ellas assim o querem...

Estas nossas linhas, amigo leitor, aliás bastante despretenciosas, foram traçadas nas columnas d'este pequeno orgão de defesa, afim de evitar que essa epidemia — a boçalidade — se alastre na nossa velha Athenas, já que, de instante a instante o nosso povo parece contaminado por esse terrivel mal!

Temos provas cabaes e conclusões de que, em dias da semana ultimamente finda, um grupo de moças *instruidas*, achando-se em uma casa qualquer, como visitantes, e sem acharem um assumpto que originasse conversação, abriram, sem pejo nem escrupulo, as suas boquinhas de *rozás* e, de lá, deixaram sahir um turbilhão de asneiras contra esta nssoa folhal..

## O CONDOR

Numero do dia..... 100  
Numero anterior..... 200

PUBLICAÇÃO—AOS DOMINGOS

Acceptam-se artigos, noticias, annuncios, etc., etc., tudo em linguagem com medida e decente.

O jornal pugnarà pelos interesses do povo, nada tendo que ver com a politica do Estado.

Oh!... Quanta desgraça!

Desconhecedoras das letras!  
Inimigas da sciencia! Nullidades na litteratura! Foi por esse motivo que ellas disseram tão mal do nossa jornalsinho que, graças a Deus, até agora tem sido applaudido por quem tem competencia!

Nós, os redactores d'«O Condor», não fazemos estas linhas, como represalia aos baldões que nos atiraram, nem tambem como resposta á censura que foi feita contra nós e contra este jornal... não, porque quem discute com os nullos e ineptos, torna-se peor que elles; não, porque sabemos que a inveja foi a causa principal da perdição e maldição de Cain, e, portanto, da inveja provém o roubo, o assassinato, a intriga, o despeito, a censura, e, afinal de contas, tudo aquillo que se chama—mizeria...

Temos convicção de saber o que escrevemos, sem ser preciso, para esse fim, supplicar a esmola de certostypos que se dizem *preparados* no exercicio da lingua portuguesa.

Apenas, immensamente penalizados de ver tanto atrazo de espirito n'essa gente, vimos, perante o publico de nossa terra, por entre as palavras que compõem este artigo, lamentando os pobres e miseraveis nescios...

## Rimando

Vou dar-te, leitor, querido,  
Alguns conselhos de graça..  
Não penses, pois, que é chalaça,  
Nem que te quero trocar:  
—Toma cuidado comtigo,  
Pois a mulher é uma *cobra*  
E eu tenho razões de sobra  
Para podel-o affirmar.

Quando vires na janella  
Qualquer menina solteira,  
Seja ou não namoradeira  
De carta ou de profissão,  
Foge, leitor, d'essa *cobra*,  
Cujó bote vivê armado  
A' pista d'um namorado,  
Que lhe entregue o coração!

Se porventura encontrares  
Viuva moça, fresquinha,  
Que te mostre uma carinha  
De quem comeu e gostou,  
Não a fites muito tempo,  
Antes fôge espavorido,  
Ella quer novo marido...  
E' *cobra* que descascou!

Se vires alguma velha,  
De cara toda enrugada,  
Bem vestida e perfumada  
Sempre a fallar e a sorrir,  
Passa ao longe, corre, vó...  
Mulher velha é *jararaca*,  
Cobra terrível que ataca,  
Que mata sem se sentir!

Quando tú fóres á igreja  
E vires, muito constricta,  
Alguma velha exquiesita,  
De bentinho e de missal,  
Não te aproximes da *cuja*,  
Procura um refugio, um becco...  
—*Cascavel de rabo secco*  
Tem um veneno mortal!

Em conclusão te garanto,  
Sem medo de dar cincada,  
Que a mulher mesmo casada  
Tambem é *cobra*, leitor!  
E' *cobra* que tem veneno,  
Cobra que morde e que mata,  
Quando não mata maltrata,  
Provoca nauzeas e dôr!

Teu Bem.

## De ronda...

Entreí no ante-diluviano estabelecimento do Machado Gonçalves e deitei falação p'ra cabeça do calxeiro:

No anno de 1865, quando houve aquella grande guerra, Francisco Solano Lopez, mulato bonito, cabello lizo, cazaca cheia de medallhas, collarinhos a' loucê, gravata de polimento e sapato de pelica... tenho credito ahí, mulato?

—Como chama-se?

—Abelhudo.

—Não, senhor.

—Caixeiro, bota um...

O menino botou em dois tempos que era serviço,

Bebi, metti os cinco dedos no

boleço da camisa, fiz que dava o dinheiro e enterrei a cabelluda no rumo da estação de bonds.

Safa! Que porcaria!

Era tanto o fedor de mer... curio que a minha demora ali foi só em quanto agarrei com burros, bonds, e conductores, jogando-os todos lá no ultimo escaninho da caldeira de Pedro Botelho.

Continuando a minha viagem pinotiei em direcção á Rua Grande.

Ahi é que foi a historia; agarrei uma carcamana pelos cabellos, atirei com o lombo d'ella no ninho da poeira e... fechou-se o tempo; o pau trovejou rozado no costado da manada de carcamanos que, em linguagem de cachorro ca... ido na chuva, procuravam saber o autor de semelhante dezaforo.

Depois de formado o sarilho azulei para a rua de S. Pantaleão.

Entreí na caza das minas, estavam todos vestidos de nú e dançavam aquelle celebre chorado que, se me não falha ao deposito de miolo, começava assim:

Tá...rá...lá...chim...

Tá...lá...rá...bum...

Damnei-me com aquella pinoia; entreí no prezepe, passei os cinco mandamentos no alto da camuêca d'um santo que nesse momento tinha sahido do fundo, e passando por cima d'aquelle bando de povos e povas, furei no rumo da «Roda».

Ja cansado de tanto rondar, sentei-me ali bem juntinho d'um degrau d'aquella porta que dá para á rua da Cotovia, quando vi que em minha direcção vinha uma respeitabilissima madama, trazendo debaixo do braço um embrulho consideravel. Acerquei-me da muchacha e deitei falação:

Minha amavel senhora: aqui tem a vossos pés o mais humilde de todos os servos.

A madama, ao ouvir o meu discurso, apressou mais o passo, e, subindo os trez degraus onde eu estava momento antes, puxou uma caixa em forma de mosquiteiro p'ra cocáda, introduzindo nella o embrulho que trazia. Nesse momento, eu, que não a perdi de vista, ouvi distinctamente estas palavras acompanhadas ao mesmo tempo por choramingueiras de criança:

Serei a mesma virgem de outr'ora, e tu, filho, ficarás ahí, até que eu me case, e te venha tomar por um filho adoptivo.

Sim, Senhor; já se viu que pouca vergonha!?

Enfurecido com semelhante bandalheira, metti meu dedo grande na tal historia que guardava o

ombrulho, e, dezatando este, saquei de dentro do involuero, um gracioso Bêbé; tão lindo que tive vontade de agarrar a mãe (.) e fazer logo ali uma das minhas...

Metti o Bêbé no bolso da jaqueta e zarpei para a praça João Lisboa, onde vi que passavam:

G. Moreira—o maior poeta lirico da actualidade.

Madahy—autor das «Brizas de Maio. (1) Poeta de alta nomeada na literatura Brasileira.

Trauirá ou «Ylluzor», incançavel propagandista da prestidigitacão, e poeta de alta patente.

Amolado de ver tantos poetas de orelhas compridas, rezolvi que nenhum poderá mais fazer versos sem que haja a competente autorizaçao do...

Abelhudo.

(1) «Brizas de Maio.» Formozo escritorio de bellas poezias, que o autôr, com o lucro, poderá comprar um par de cordas para brindar a garganta, e dar uma nota no Maranhão—infercandão-se.

### Edital n. 3

A seis dias qu'eu espero  
Tua resposta, e não vem.  
Não augmentas mais um zero  
N'esse teu lanço, meu bem;  
E visto tal circumstancia,  
Já resolvi o contrario:  
—Acceitar tua importancia...  
Mas vê bem, é necessario  
Que o cobre bam certo esteja,  
Sinão não entro na Igreja!...

Vães ficar bem satisfeita  
Co' a minha resolução;  
Portanto, agora, te ageita  
Com a historia do milhão...  
Só quero dinheiro em prata,  
Pois não o pode roer  
O camondongo, a barata!  
Assim podemos viver  
Distante de todo o mal,  
E cousa... etc... e tal...

Se fores me procurar,  
(Ouve bem o meu conselho)  
«Rua Castello no Ar,  
Caldeira Pedro Botelho...»  
Não lique no esquecimento  
A grande casa onde moro;  
E' perto do firmamento,  
Bem juntinho do "Ignoro";  
Verás escripto na "Rocha"  
O nome do teu...

Frei Broxa.

Deixou de ser publicado no numero p. passado á falta de espaço.

### Concurso de belleza

VOTO NOMINAL	N. 3	na moça	Assignatura,	Maranhão, 16 de Fevereiro de 1908
--------------	------	---------	--------------	-----------------------------------

Eucaris Pinheiro Ribeiro	7
Edith Almeida	7
Celeste J. Ribeiro	4
Francisca Desterro	3
Virginia Innocencia Guilhon	3
Niceas Paulina Guilhon	3
Malvina Rosa Guilhon	3
Etelvina Costa Ribeiro	1
Sebastiana Prado	1
Andreza Ribeiro	1

### CAVALHEIROS:

	VOTOS
Eudamidas Guadalupe R. Gomes	74
Julio Ramos	18
Manoel Biza	16
Antonio Calvê	16
Manoel Berlic	10
Fausto Santos	8
Joaquim Lopes da S. Guimarães	6
Zezico Lombinha	3
José Lucas	3
Raymundo Cortez	3
José Araujo	2
Bidico Rodrigues	2
Antão da Costa Salles	1

Prevenimos que no fim de 30 dias, a contar da data da abertura dos concursos, que foi em 2 de fevereiro do corrente anno, proceder-se-ha á distribuiçao dos premios que foram promettidos.

### Motte

Quando Maria cazou,  
A Bertha triste ficou...

### GLOZA

Houve vinho de Bordeaux,  
Doce, café, chocolate,  
Tocou até arrebaté  
«Quando Maria cazou!»  
O povo todo chorou  
De prazer e de alegria;  
Maria então se julgou  
(E com razão) tão ditoza,  
Que não viu que de invejoza,  
«A Bertha triste ficou...»

Feitoza

### Concurso de fealdade

VOTO NOMINAL	N. 3	em	Assignatura,	Maranhão, 16 de Fevereiro de 1908
--------------	------	----	--------------	-----------------------------------

Damos em seguida os nomes das senhoritas e cavalheiros que têm tido votacão nos concursos acima abertos.

### SENHORITAS:

	VOTOS
Anna Domingas Guilhon	25
Doninha Carvalho	17
Benedicta Araujo Rodrigues	16
Maria da Purificacão Teixeira	15
Lydia Helena da Silva	12
Candida Billio	12
Christina Filgueiras	11
Raymunda Pinheiro Ribeiro	10
Cotinha Mattos	10
Miloea Menezes	9
Victalina Billio	9
Francisca Ramos	8

Suspendemos, por ora, a secção de glosas, em virtude de ter de se retirar para o interior o nosso collega Feitoza, a quem desejamos feliz viagem e muitas felicidades.

Precisa-se de cendedores para este jornal.

**SORTEIO MILITAR**

O artigo 66 da Lei n. 1860, de 4 de Janeiro do anno corrente, que regula o alistamento do Sorteio Militar, assim reza:—«Os voluntarios e sorteados não se poderão cazar, enquanto servirem no exército activo.»

Quantos dias de amarguras a citada disposição não trará ás nossas gentis leitoras!

Esperar dois annos!... Caramba!...

E sabe Deus quantas, no decorrer d'esse tempo, não se verão na dura necessidade de solicitar passaporte para os *batalhões da reserva!*

Emfim... quando o cabra é bom, toda hora é hora.

**TOQUE...**

O' Moreira dos Gonçalves,  
O' Gonçalves dos Moreiras,  
Nas columnas dos jornaes  
Não escrevas mais asneiras!

*Bostock.*

**RETOQUE...**

O' vate Salles e Silva,  
Deixa de parte as tolices...  
Nas columnas dos jornaes  
Não escrevas mais sandiees.

*Bostock*

**Charadas Novissimas**

- 1-1 Um, um e um é só para moer.
- 2-1 O homem chama a mulher.
- 2-1 Não dão dentro d'agua.
- 2-1 Em que logar o Diabo tem o condimento?
- 2-2 O homem enriquece a mulher.
- 3-1 O incommodo de estomago é uma infelicidade.
- 2-1 Anda soffrendo no edificio.
- 1-2 Faz soffrer na cidade o dorminhoco.

**Enigmas**

- Qual é o homem que é branco, preto e vermelho?
- 2-2 Qual é o animal que corre no mar?

—São cento e um e mais seis  
Tendo cincoenta de lado,  
Se constitue um direito  
No mundo bem respeitado.

**NOVOS ESPARTILHOS**

Uma das mais afamadas cazas do modas, em Paris, acaba de descobrir um meio de qualquer senhora, por mais gorda que seja, espartilhar-se elegantemente, sem opprimir as carnes.

Consiste o novo aparelho em uma placa de borracha, forrada de seda, com o formato de um espartilho commum, a qual, adherida á cintura da mulher, toma o feitiço de todas as suas formas, comprimindo-as docemente, sem que para isso necessite das talas e cordões que são empregados nos espartilhos actuaes.

O preço d'esse magnifico aparelho é de 8 francos e 5 centimos.

**Me aborreço...**

Com a falla do thesoureiro de uma repartição publica;

com o nariz do Manoel Lisboa;  
com a graxa feita pelo Martinho, Colla Celestial e Chaup Maranhense;

com todo empregado publico que toma assahy no calix;  
com o Jozé Matta-Burro, por ser burro;

com o chapéo de apanhar quibô do Alix Menezes, do Correio, e com a giga do mesmo;

com uma moça que não súa da janella um só instante a especta não sei o que!...

Com o centenario da *juqueta* do João Luiz, do Correio;

com uma moça bonita que namora um sujeito feio como a *necessidade no tempo de quaresma*;

com o A. Calvêt por dizer que surraos redactores d'«O Condor»;  
com a mania do Cardozo, do Correio, por querer ser capitão á *força bruta*;

com o namoro grosso do Jozé Correia, conhecido por «Macaco da velha», no Caminho da Boiada, por andar especando o canto para conversar com a pequena;

com o Quincas Carvalho, por andar de par com a pilôta, sua amante, em pleno Mercado publico.

Finalmente, me aborreço com o ex-professor Eudamidas G. Reis

Gomes, por dizer, em alto e bom som:—«*Meuinos, venham dois a dois, cada um de per si.*»

**Noticiario**

Chegou, no dia 11 do corrente, do Estado do Pará, o nosso bom amigo Dr. Clodomir Serrão Cardozo, deputado ao Congresso do Estado.

Succumbiu, no dia 14 do andante, repentinamente, o illustre dr: Almir Parga Nina, conceituado clinico maranhense, o qual deixa de si as mais saudosas recordações.

«O Condor», depois de lamentar essa perda sensivel, apresenta sinceras condolencias á exma esposa, filhos e a todos os demais parentes do illustre extinto.

A quem de direito pedimos providencias no sentido de ser evitado que alguns moços desoccupados, ás noites de sabbado, disparem tiros de revólveres e atirem pedras ás janellas das casas á rua da Madre de Deus, comprehendida no trecho da Inveja e Sant'Anna.

Os proprietarios do Bazar Carnavalesco, á praça João Lisboa, Jansen & C., pedem-nos para communicar ao publico maranhense que, hoje e nos dias 23 do corrente, 1, 2 e 3 de março, estará aberto o seu bazar onde se encontrará rodós, confettis de côr e dourado e outros artigos proprios para o acto, tudo por preço razoavel e sem competencia.

Chamamos attenção da auctoridade competente, para um samba infernal e desentreado de harmonica, reque-reque e palavrões, no Caminho da Boiada, o qual cauza completo desassocego ás familias que ali rezidom.

Ahi fica, pois, o nosso justo pedido.

Consta-nos que, brevemente, será nomeado *intendente* de Vinhaes, o sr. Benedicto Cardozo.

Recebemos o ultimo numero do «Jornal dos Artistas». Agradecemos.

# O CONDOR

Anno 1

Maranhão, 1 de Março de 1908

Numero 6

## De bisturi em punho!

«Stultorum infinitus est numerus».

Estas palavras, proferidas pelo sabio Salomão, rei de Israel, alguns seculos antes de Christo, demonstram de uma maneira inconcussa que, naquelles tempos, era já bastante numerosa a interminável e sempre progressiva familia dos tolos; e só parece que o rei-propheta advinhava que um dia haviamos de ter de arcar com essa praga nefasta neste pedaço de terra, que aliás não lhe era desconhecida, porque era nas florestas do futuro Novo Mundo que elle mandava recortar as madeiras para a edificação do Templo que herdou seu nome.

Não tivemos ainda a despretençiosa satisfação de registrar nestas columnas a publicação de uma produção poética digna de encomios e que fizesse honra ao merito de um desses principiantes que, debutando (salve o gallicismo) na cultura do Verso, apparecem á miúdo, firmando sonetos (!) nos jornaes desta cidade, porque em vez de se iniciarem com corriqueiras quadras de sete syllabas, procuram sempre (que parvos!) fazer a estréa com a publicação de um soneto, não sabendo elles ser essa composição poética uma das mais difficéis ou, dizendo melhor, a mais difficil das que existem no grande dominio das Musas.

Sem mais preambulos, abordemos a questão que temos em vista, tomando como ponto de partida o nosso introito.

Já ha muito tempo que vemos o bondoso Alberto vir sagrado pelas columnas do «Diario do Maranhão» a senhorita Laura Rosa com o madrigalesco qualificativo de distincta poetisa. Nunca tivemos, porém, a vontade de ler siquer uma das muitas produções, quer em prosa ou verso, que a mesma senhorita, de quando em vez, publica no respeitavel decano da imprensa maranhense.

O Alberto não conhece a theoria do *reddo Cæsari quæ sunt Cæsaris...* porque se conhecesse não applica-a a esmo nem consentiria que fosse publicado, sem as devidas correções, o soneto—*Sobre os mares*—estampado no «Diario» n.º 10:377 de terça feira da semana proxima passada e firmado com o nome daquella senhorita.

### SOBRE OS MARES

*Lê-se vão pelo mar liso e indolente  
lêes canoas para além singrando,  
brancas velas tufadas tremulando,  
à luz morticia d'um frio sol poente.*

*Só me parecem, vendo-as de repente,  
uma após outra, vezes, bordejando,  
de aves marinhas um fagueiro bando  
tocando as aguas mansas levemente.*

*Todas ellas vão longe se sumindo  
na curva do horizonte! O' verdes mares!  
azas rufando pelo espaço abrindo.*

*sobre as ondas vão meus sonhos doiro,  
seguindo a direcção dos meus pensamentos,  
tambem fagueiros, num lindo bando loiro!*

Laura Rosa.

Os versos, alem de deformados pela falta de sentimento e pobreza de rimas, peccam por *quebrados* e pela impureza de metrificacão, como se evidencia pela leitura destes dous:

«à luz morticia d'um frio sol poenteo

.....

«tambem fagueiros, num lindo bando loiro !»

.....

A intercalacão da invocacão—*O' verdes mares!*—no primeiro tercetto, foi extemporanea e de mau gosto, produzindo, portanto, o effeito de um disparate.

Ficamos por aqui quanto á Poesia.

Com relação, porém, á Syntaxe, encontramos um erro palmar que, estamos bastante certos, não seria commettido, hypothese alguma, por qualquer creança intelligente e estudiosa das nossas escolas primarias. Lê-se no segundo

quarteto;—*Só me parecem vendo-as, etc.*—.

Ora, como sabe todo aquelle que gravou no bestunto o que aprendera em creança, o verbo *parecer*—empregado como activo transitivo e na accepção de—*dar mostras de*, deve ter sempre como complemento necessario um infinito, assim pois, esta devia ser a construcção:—*Só me parecem ser, etc.*—.

E, como quem escreve para o publico leitor, está sujeito ás leis da critica e da censura, cremos que a alludida senhorita, em vez de levar a mal o que dizemos, muito agradecida ha de ficar pelos uteis conselhos que generosamente lhe suggerimos.

Ainda mais uma vez lhe fazemos a devida justica.

Esta rude franquesa de apreciarmos as cousas, fará forçosamente que em torno de nós se agrupem gratuitos inimigos, por não sermos complacentes para com elles, louvando e deixando passar incólume o ror do destemperos e calinadas que publicam. Pois, como bem diz Terencio:—*Obsequium amicos; veritas odium parit...*



## Pois, é assim!...

Atravessamos precisamente a epocha, na qual a humanidade mostra sinceramente a propria cara que tem.

Durante todo o resto do tempo vive mascarada.

As considerações, as etiquetas, as amizades, os amores, as pai-

## O CONDOR

Numero do dia..... 100  
Numero anterior..... 200

## PUBLICAÇÃO—AOS DOMINGOS

Acceptam-se artigos, noticias, annuncios, etc. etc., tudo em linguagem comedida e decente.

O jornal pugnará pelos interesses do povo, nada tendo que ver com a politica do Estado.

xões, os desinteresses, o altruismo, a caridade, a calumnia, a intriga, a intrigasse, são outras tantas mascaras, que o individuo afixa ao rosto no carnaval quotidiano da vida.

A verdade só reina sobre a humanidade durante tres dias do anno. A mentira governa despoticamente nos outros trescentos e sessenta e dois ou trescentos e sessenta e tres.

Ao individuo que se proclama e faz alarde de philantropo e caritativo—viem-no pelo avesso—é um egoista de força e que só procura o bem estar proprio.

Está mentindo.

O pregador de moral e exemplificador de conceitos edificantes faz todos os esforços para ninguém devassar-lhe o intimo.

Quem lhe applicasse o raio X da observação—recuará talvez amedrontado.

E' a sepultura caida de que fala o Evangelho.

O sujeito que arrota valentia e bravura e se inculca um Bayardo—ai delle! não passa muita vez de um fanfarrão que tem medo da propria sombra.

Aquelle que blasona de muita sabedoria e cita autores e trechos escolhidos—é um charlatão, um ignorante que teve a habilidade de se dar uma mão de tinta de illustração.

Se entrarmos no assumpto do amor—então, nem todo o papel do mundo seria sufficiente para descrever os dolos, as perfidias, os embustes, as mentiras, que são os adornos do terrivel sentimento que mais domina a fragilidade humana.

Todas essas desgraças que affligem o homem, provem do amor.

Quando a gente vê dois seres a se declararem, a jurarem um amor constante, puro, indefinido—estão em vespuras do perjúrio e da traição. Elle ou ella ou ambos elles.

E' da natureza humana. E' o carnaval da vida. Não de obedecer fatalmente ao Deus Fingimento.

O pastor que afugenta a fera que quer assaltar o seu gado, não faz isso pelo amor que tenha ao seu gado, mas para que a fera não o prive d'aquillo que elle poderá gosar.

E' o interesse egoista.

Todos esses que procuram ver o seu nome aureolado da fama de honrados e probos—estão satisfazendo o seu egoismo, o seu interesse.

E' um mascarado.

Não ha duvida nenhuma. Só existe uma epocha no anno, na qual o homem mostra a propria cara, aquella que lhe é peculiar: é durante os dias que chamam de *Carnaval*.

J. G.

## Devaneios

(PARA O CARLOS RIMAS)

Do pranto—façamos riso,  
Da magua—um ramo de flôr:  
Um riso é todo doçura,  
O pranto é sempre amargôr!

A magua muito flagella  
Um peito lindo e formôso:  
A flôr, embora sem cheiro,  
Tem encanto graciôso...

Chorar!... o pranto dôe muito...  
Maltrata... é mesmo que a magua...  
Um riso—é lindo e ditôso,  
A flôr—é pura e sem fragua!

Vamos, portanto, sorrir;  
Das flôres gosar o encanto...  
E para sempre esqueçamos  
A dôr da magua e do pranto!...

São Luiz-Março-1908.

Phinêas

## Dr. Jansen Mattos

Mais um maranhense illustre acaba de desaparecer do nosso meio, deixando na fileira dos homens importantes da nossa terra um vazio, que não será mais preenchido, talvez.

Infelizmente, entre nós os homens de real merecimento vão rareando e, com o aniquilamento d'aquelles poucos que restavam, não tardará muito que todos se vão de vez.

Como que uma estrella nefasta de ha certos tempos para cá estacionou sobre o nosso horizonte e de lá dardeja a sua influencia malevola.

O Maranhão intellectual pertence quasi que já exclusivamente á historia, tanto quanto a memoria de tudo o que é grande o que passou.

O aquilão da morte tem passado sobre nós, como outr'ora sobre o exercito de Senacharib o anjo da colera do Senhor.

A' desolada familia do sabio mestre Dr. Jansen Mattos, bem como aos demais parentes e amigos, «O Condor» envia sentidissimos pesames.

## CARTA DE UM AMIGO

Meu caro Phinêas.

São S da manhã, quando estou te fazendo esta cartinha, sobre a impressão de um passeio matutino que hoje dei.

Não calculas, Phinêas, como te escrevo alegre! Parece que, com este passeio, recobrei a vida. Quando aqui cheguei foi com instincto de fazer-te esta descripção, por que sei que muito aprecias. Vou desde já te avisando que não será em termos eloquentes, mas o quanto permittir a minha rustica penna e a minha debil e mesquinha intelligencia.

Começemos como um pintor, não um desses celebres, mas um desses que trabalham mais por força de vontade do que por tempos de estudo sufficiente, para que se diga:—E' perito na arte.—Mas, deixando tudo isto, vamos dar a primeira pincelada; começemos, pois, pela manhã.

Eil-a:

Pallida cor aclara o céu tranquillo.  
A barra do horizonte cora, tingo-se de escarlato,—uma faixa de oiro, a risca, resplandecendo.

Dos ninhos suspensos dos galhos dos arvoredos foge a passarada cantando alegremente o hymno da manhã!

As arvores rebrilham ainda humedecidas pelo orvalho e as gottas que ainda existem, tremem, como medrosas, nas folhas tenras de quaes bellas mangueiras de nossa terra...

Eu, Phinêas, contemplando todos estes prodigios da Natureza, fui, sem querer, ter até a Estação, quando despertei como um somnambulo, que passa do estado de lethargia para o natural; já lá estava; tomei um bond que d'ahi ha 5 minutos, pouco mais ou menos, partiu para a cidade; mas ao chegar ao «Galpão», apegi-me. Já o sol, com a magestade de um forte e recto Soberano, espalhava os seus raios (ainda que fracos) por sobre os telhados das casinhas brancas.

Os carroceiros passavam cantando suas canções rústicas, tangendo bois e burros.

As crianças, com as sacolas às costas, abrindo a bocca num bocejo, dirigiam-se para a padaria, na compra do pão.

As mulheres alugadas, com baldes ou cestas enfiadas ao braço, as saias suspensas à cinta, rindo-se umas com as outras, satisfeitas, cuidando de suas lidas, iam para o mercado; mas, algumas que tinham necessidade de hortaliças, ficavam comprando aos nossos matutos.

Creias, meu *Phinéas*, que nada me escapava; contemplava em extasis todos estes quadros que te descrevo, e só não fui dos últimos que de lá sahiram, por que, puchando o relógio, vi que eram 7 horas, e me puz de promptidão para tomar o bond, pois só assim podia chegar á casa mais cedo, para poder te escrever, como, de facto, aconteceu: peguei da penna e eis-me aqui; são 8 1/2, por que já ha meia hora que te escrevo. Vou concluir esta, visto que tenho de entrar para o serviço ás 9, mas tenho esperanças de, brevemente, te fazer outra cartinha, caso te seja agradável a minha correspondência.

Adeus, *Phinéas*; recebe um abraço do amigo

Carlos Rimas.

### Página doirada

Fez annos—no dia 24 do mez p. passado—o nosso amigo Cesario Gayoso Vieira, habilitado empregado publico federal.

Parabens.

### Communicado

#### Repellindo a ignorancia

Disse em meu artigo anterior que o individuo ao assentar pratica pratica um acto altamente louvavel. De certo: Essa mudança de posição o torna merecedor dos maiores ecomios. Esses que têm o descóco de dizer que a vida de soldado é um «cativeiro», naturalmente são destituídos dos mais baixos conhecimentos militares, falta esta, bastante lamentavel e que sobre este assumpto os faz não discernirem o bem do mal.

A idéa de «escravidão», pela qual muitos concebem a posição do soldado, está longe de comparar-se com a disciplina, imperiosamente necessaria, que existe em todas as corporações armadas.

A ignorancia appellida o soldado de escravo; a sciencia, porém, equipara-o ás demais classes, não deixando transparecer o menor traço de ridicula situação, quer na paz, quer na guerra; nem tam pouco favorece razão alguma para

essa suposição que traz muitas vezes, como consequencia, a discordia entre o civil e o militar.

O amor para com a Patria é elevadissimo, sublime, inquebrantavel: é um sentimento tambem louvavel, porem, não traz a ordem, a perfeita obediencia e a calma, o sangue frio, tão necessario eás occasiões em que se resolve o complicadissimo problema da guerra; elle é capaz de fazer um povo seguir entusiasmado até o campo da batalha, mas, nunca por si só faz esse povo ouvir, com a mesma força de vontade, o tristissimo som da corneta, a voz do commando em momentos de um peguono tiroteio no terrano inimigo.

E quando a Patria é ameaçada, como fazer marchar os Exercitos para defendel-as!? Como poder conserval-os na manutenção da ordem e dirigil-os em um lugar onde se desenrolam scenas commovedoras, scenas de terror!?

Haverá, pois, um recurso, um meio, um elemento que, trazendo a inteira obediencia, a subordinação, a calma e a ordem, venha enveredar o soldado, estimular os animos, fortalecer os espiritos quando todos estão amedrontados, enfraquecidos diante do perigo que os ameaça!?

Esse recurso existe: é a disciplina militar, que interpretada pelos ignorantes parece um «cativeiro».

A disciplina militar é o elemento de ordem moral que provem da confiança que surge da segurança ou garantia em que está o subordinado em relação a posição do superior. A distancia respeitosa que separa o inferior do superior, existe e deve existir; é um acto espontaneo sem constrangimento algum. A disciplina, para aquelles que não procuram transgredil-a, constitue relações de amizade, de respeito e de obediencia. Sem ella, um Exercito não pode ser forte: está submettido á vontade de cada um.

D'ahi nasce o desordem, o enfraquecimento e nenhum Governo pode se confiar em uma corporação indisciplinada.

E' por causa da disciplina que o soldado marcha corajoso para a guerra, obediente, porque conhece esses em quem deposita a sua confiança, o destino de suas forças e de sua vida.

(A continuar.)

Zé Caricatura.

### Concurso de belleza

VOTO NOMINAL	na moça	Assinatura, Maranhão, 1 de Março de 1908
N. 5		

### Concurso de fealdade

VOTO NOMINAL	em	Assinatura, Maranhão, 1 de Março de 1908
N. 5		

Damos em seguida os nomes das senhoritas e cavalheiros que têm tido votação nos concursos acima abertos.

#### SENHORITAS:

	VOTOS
Doninka Carvalho	200
Maria da Purificação Teixeira	198
Benedicta Araujo Rodrigues	56
Anna Domingas Guilhon	51
Vietalina Billio	30
Celeste J. Ribeiro	22
Niceas Paulina Guilhon	19
Candida Billio	13
Lydia Helena da Silva	12
Christina Filgueiras	12
Raymunda Pinheiro Ribeiro	12
Cotinha Mattos	12
Lolô Cunha	11

Miloca Menezes	9
Francisca Ramos	8
Eucaris Pinheiro Ribeiro	8
Edith Almeida	8
Maria da Conceição	3
Dilú Eirosa	2
Catharina Machado	1
Etelvina Costa Ribeiro	1
Sebastiana Prado	1
Andreza Ribeiro	1
Nilze Salles	1
Joaquina Rosa Magalhães	1
Maria Rosa	1
Maria Domingas	1
Julia Helena Cruz	1
Leopoldina Ribeiro	1
Mundica Leite	1
Dilurdes Ramos	1
Nhazinha Tirelle	1
Maria José Carvalho	1

CAVALHEIROS:

<b>VOTOS</b>	
Antonio Calvôt	237
Eudamidas Guadalupe R. Gomes	106
Julio Ramos	107
Manoel Berlio	41
Manoel Biza	20
Fausto Santos	10
Bidico Rodrigues	10
Joaquim Lopes da S. Guimarães	7
Zezeio Lombinha	3
José Lucas	3
Raymundo Cortez	3
Antão da Costa Salles	3
José Araujo	2
Joaquim Domingues de Souza	1
Mario Silva	1

Termina amanhã o prazo marcado para a apuração de votos dos concursos acima abortos, cujo resultado e premios serão dados nesta folha, no proximo domingo, 8 do corrente mez, data em que iniciar-se-ha novo concurso que durará 60 dias.

Charadas Novissimas

Decifrações do numero anterior:

- Armando.
- Marreca.
- Perigoso.
- Japão.

Calunga

- O instrumento e a vasilha é embarcação. 1-2
- Na musica, no firmamento e no mar. 1-2
- Enxerguei alegre no espectáculo este homem. 1-1-2

-No meio da rua e por cima do chão traz sempre proveito. 1-1

CASAES

- Elle vasilha ( 2
- Ella metal ( 2
- Elle acontecimento ( 2
- Ella substantivo e verbo ( 2

K. Macho.



Vovô se damna...

Com os namoros do Zé Povinho; com o cabelo do Filomeno da «Maripoza», que tem a cor das salamandras; com a gordura do Dias barrigudo; com os olhos do Frederico; com o andar manhoso do Victor Militão, todo imitativo e meticoloso; com as pernas do Albano S.; com a cara do Arlindo; com as galochas do Cesario; com o peçoço do Zé Duro; com os imbecis mettidos a sabios; com a lambança do França; com a destillação central da orelha do Guadalupe; com a cabeça do Quincas; com as professoras da «Modello», que andam na frente das meninas; com a voz cataumbica do Bidico; com o pessoal do Brodio; com... com... com... a caduquice e rabugica de...

Vovô!

Noticiario

Da commissão encarregada de promover exequias por alma de S. M. os Srs: D. Carlos I, Rei de Portugal, e Principe Real, D. Luiz Felipe, herdeiro presumptivo da Corôa, recebemos delicada carta de convite para assistir á-quelles actos funebres, que terão logar no dia 5 do corrente mez na igreja Cathedral,

Agradecendo a alta distincção que nos fizeram, garantimos satisfazer o pedido, alias justo e honroso.

Do Chefe de Policia

A' bom da moralidade publica pedimos encarecidamente ao Sr. Dr. Chefe de Policia o especial favor de prohibir terminantemente que alguns grupos de mascarados indecentes se exhibam indecorosamente pela cidade, e como aconteceu no domingo p. passado.

Crentes de que o nosso justo pedido será promptamente attendido, pois essas bandalheiras só servem para desmoralisar o nosso Estado, chamamos a attenção do Dr. Chefe para as immoralidades *carnavalescas* denominadas «Baralho Medonho», «Emboladinho», «Caroco», «Maxixe», «Camisa de Sangue» e outras patifarias que, tendo a frente pandeiros, reque-reques e tambores, se exhibiram no domingo passado e, com certeza, entrarão hoje em scena, em pleno coração da cidade, sem o menor respeito devido ás familias.

Como dissemos no 1.º numero d'este jornal, percorrerá, hoje o terça-feira, diversas casas de familia, a orchestra dos *Cascas* sob a regencia do sr: *Ignoro* (maestro).

Segundo somos informados, foi nomeado *Zé Furtado* de Vinhaes, o sr. Benedicto Cardozo; e, para *manechupa* das *avenidas* do mesmo sitio, o velho Joaquim M. Ribeiro.

Parbens.

Oliveira & Irmão, no intuito de agradarem mais os seus freguezes, estão liquidando as seguintes mercadorias:

Feijão, carne xarque, camarão, bacalhão, peixe secco, carne de porco, latas de manteiga 1¼ e 1½ k., vinho nacional e estrangeiro, leite condensado, chapéo de sol, lenços, charutos e outros artigos que, só com a presença do freguez, se poderá negociar.

Rua de S. Rita canto com a do Mocambo

# O CONDOR

Anno 1

Maranhão, 8 de Março de 1908

Numero 7

## O Condor

Em edição anterior deste jornal, promettemos tratar de diversos assumptos, que se prendem inteiramente ao nosso modo de viver, nesta *terrasui generis*.

Dissemos que havíamos de entrar pelas repartições publicas á dentro e pelos escriptorios de Companhias, afim de estudarmos o *morbus parasitario*, que habita nas suas viceras e descarnal-o ás vistas do Publico, espectador, quasi sempre impassível, de todas as tropelias do nosso meio, sustentadas e mantidas por esse proprio publico, de quem tanto se ludibria e de quem todos estes expertos, que sabem se collocar, haurem as vantagens, deixando-o na miseria.

De todas essas companhias aqui existentes entre nós, nenhuma tem tanta relação com as nossas necessidades, como as Companhias da navegação fluvial.

Se bem que, a frente dellas, encontram-se cavalheiros, dotados de melhor boa vontade para agirem e administrarem os interesses das mesmas, todavia, os seus auxiliares nem sempre sabem corresponder á confiança nelles depositada, ja porque a pressão do estomago actue directamente nesse modo de proceder, porquanto o que percebem não satisfaz as exigencias do physico, já pela educação por elles recebida, já porque contam com a impunidade, que descança no filhotismo e na protecção—esses caneros sociaes que tanto corroem a collectividade.

E porque contam com a indifferença dos accionistas as Companhias pouco se incommodam com o resultado, que possam offerecer os seus dividendos.

Os proprietários e capitalistas em nossa terra, tão somente são exigentes em uma coisa—nos alugueis de casas—essas pocilgas, immundas em sua maioria, sem hygiene, porcas, insalubres, sem o *confortable* dos inglezes e alugadas por uma exorbitancia para o

meio. Neste ponto são terriveis são umas hyenas famelicas e tornam-se umas ferás sem almas, uns verdadeiros mulancas.

A insignificancia muita vez desses dividendos é explicavel, porque tudo neste mundo se explica, menos a estupidez maranhense.

Essas Companhias só se recomendam pela sua dureza em negarem muitas vezes, para um pobre, uma passagem, que em nada lhes prejudicaria, entretanto, fecham os olhos para a disfaçatez dos mestres desses vasos velhos que fazem o seu serviço, e que é a sua melhor fonte de receita.

Os mestres das Barcas, a seu talante, conduzem d'aqui e para alli, quem bem lhes apraz, passeiam com as suas mulheres, se as tem, com as suas amasias, negociam, vendem e compram, conduzem cigangagem, e tudo isso com prejuizo das companhias e do commercio que paga impostos.

Os commandantes dos vapores sabem disso, mas, como, pela sua vez, fazem o mesmo, vão consentindo.

Os fiscaes respectivos, do seu lado, ficam satisfeitos recebendo o que lhes pagam as companhias e calam-se para não se inimisarem com os commandantes e mestres.

Não contentes, os mestres das Barcas, em todas as viagens, para poderem se demorar na Capital, arranjam um meio de conseguir que ellas sejam mandadas para os estaleiros afim de se concertarem ou repararem os estragos que elles muita vez fizeram de proposito.

E nesses reparos vae-se todo o lucro que as Barcas puderam realisar nas viagens.

Por outro lado, o fisco é lesado, porque sobre taes passagens em branco, a Fazenda não pode perceber o imposto de transportes.

Ora, aqui está, em poucas palavras, dita uma coisa que todo o mundo conhece.

Não estamos denunciando nem accusando.

Isto é uma palestra nossa, muito particular com os nossos leitores.

Estão em voga as conferencias.

Mas o «Condor» entende que estas coisas se dizem melhor escrevendo do que falando.

*Scripta manent.*

## Num postal

A' Floriza

Mensageiro do Amor e da Saudade, vae preste, pensamento, vae ligeiro, contar-lhe como eu vivo todo inteiro, immerso na tristeza e soledade.

Os mares vence logo, a immensidade, que d'Elia me separa, mensageiro, vae dizer-lhe o meu fundo desespero, a minha dor profunda e anciedade.

Murmura-lhe, em segredo, aos seus ouvidos, meus suspiros dolentes e sentidos, do horto de minh'alma tristes fructos.

Vae dizer-lhe o que eu soffro, diz-lhe quanto a minha face inunda o mesto pranto, que não deixa os meus olhos nunca enxutos!

(Das Rimas.)

Rio 1906.

G. dos Reis.

## Dr. Almir

Sabbado, 14 do corrente, daremos, a pedido de alguns amigos do prantado clinico maranhense—Dr. Almir Parga Nina, uma edição especial d'«O Condor», commemorando o primeiro mez do seu fallecimento.

## EXEQUIAS

Bastante concorridas estiveram as exequias celebradas na Cathedral, no dia 5 do corrente mez, por alma de S. M. El-Rei D. Carlos, de Portugal, e Principe D. Luiz Felipe.

«O Condor» se fez repr. aquell por um dos seus redact. com mil tendendo assim ao con. coupon for fora feito pela brioso premio da lugeza, residente

## O CONDOR

Numero do dia..... 100  
Numero anterior..... 200

## PUBLICAÇÃO—AOS DOMINGOS

Acceptam-se artigos, noticias, annuncios, etc. etc., tudo em linguagem commoda e decente.

O jornal pugnará pelos interesses do povo, nada tendo que ver com a politica do Estado.

## Concurso de belleza

A gentil signorina DONINHA CARVALHO, por ter sido mais votada no concurso de belleza, enviamos, conforme haviamos prometido, o soneto abaixo, que a sua formosura bem merece.

## PREMIO

(A' Doninha Carvalho)

Entre todas as moças mais votadas  
No concurso que abrimos n'«O Condor»,  
Foste tu a mais bella, ó branca flor,  
O' sublime visão das alverçadas!...

E's muito bella e tens tanto primôr  
Nessas faces gentis, immaculadas,  
Que as flôres todas ficam soterradas  
Quando tu passas modulando amor!

O' rainha das candidas boninas!  
E's formosa entre todas as formosas  
E divina entre todas as divinas.

Accepta, agora, o premio que te damos,  
O' Deusa divina das lindas rozas,  
O' formosa Mulher que veneramos!...

S. Luiz,—8—3—938.

Pinheás.

## VOTOS

Doninha Carvalho	356
Maria da Purificação Teixeira	254
Lolô Cunha	67
Maria da Conceição	59
Benedicta Araujo Rodrigues	56
Anna Domingas Guillhon	51
Victalina Billio	30
Celeste J. Ribeiro	22
Nicas Paulina Guillhon	19
Candida Billio	13
Lydia Helena da Silva	12
Christina Filgueiras	12
Ursula Pinheiro Ribeiro	12
Luiz Mattos	12
—Inxôenezes	9
João este heamos	8
—iro Ribeiro	8

Marietta Souza	5
Leopoldina Ribeiro	2
Dillô Eiroza	2
Catharina Machado	1
Etelvina Costa Ribeiro	1
Sebastiana Prado	1
Andreza Ribeiro	1
Nitze Salles	1
Joaquina Rosa Magalhães	1
Maria Rosa	1
Maria Domingas	1
Julia Helena Cruz	1
Mundica Leite	1
Dilurdes Ramos	1
Nhazinha Tirelto	1
Maria José Carvalho	1
Iacy Bezga da Costa Salles	1
Zila Evangelista	1

## MULHER

Todas as vezes que os meus labios se entreabrem para proferir esse vocabulo doce e sublime—mulher—, um quer que seja de alegria convulsa o meu coração!

A mulher, ao meu ver, é a imagem sublime da inspiração dos poetas; é a estrella d'alva a refulgir na noite dos nossos velhos pesares; é a flor mais odorifera que aromatisa os lindos verges.

Si, por muitas vezes, estamos alquebrados no leito da dor, a mulher se nos apresenta como um conforto; si estamos entregues ás duras afflicções, chorando amargamente as nossas desventuras— a mulher é o anjo da paz, é o anjo de ternura que nos vem encher de esperanças, enxugando as nossas lagrimas.

Portanto, amemos esse vulto donairoso e bello, que é o balsemo olente que traz lenitivo a todos os soffrimentos da alma; que é o conforto sacrosanto para aquelles que estão sepultados nos abysmos de uma paixão extraordinaria...

Pinheás.

## Contos ligeiros

## A Sinhá

(PARA "O CONDOR")

A Sinhá, como a chamavam em casa, era uma cabrochasinha gorduchia, parruda, de cara arredondada e muito barriguda, como um bezerrinho desmamado e morava com a gente, que a creara, ali para as bandas da Praia do Cajú.

Todos esses inconvenientes não eram motivos, todavia, para que a Sinhá deixasse de se julgar

uma belleza e nem a impossibilitavam de ter o seu *coitô*.

O da Sinhá um verdadeiro antithese da proprietaria, era um caboclinho da mesma laia, magrinho, chochinho, encolhidinho, como uma pacovinha da ponta do cacho.

Essa especie de piolhinho de cobra era amanuense ou collaborador em uma repartição qualquer, e architectava na sua imaginação doentia, um futuro casamento, cheio de encantos e de inextinguível lua de mel.

Apezar de tão minguido e de apparencia tão inoffensiva, o Manequinho não era de todo molle, nem nada.

Não limitava o seu namoro a uma simples manifestação platónica.

Era muito mais humano, segundo diziam as más lingua se dopis, applicava-se muito ao estudo da natureza viva.

A vida da Sinhá era um maná. O tio, que lhe servia de pae, vivia empregado em um dos vapores do Lloyd e passava a maior parte do tempo nas viagens concernentes ao seu officio.

Era um *fora de casa* quasi eterno.

Na ausencia do velho Bastião, ficava a rapariga senhora absoluta, a tyrana da casa, porque a tia, a velha Procopia, muito devota de S. Martinho, vivia sempre entregue aos serviços do Santo.

Apenas amanhecia, a Sinhá enfeitava-se, como um periquito para leilão e punha-se a correr as cochias, de porta em porta, a falar mal de um visinho para outro.

Era esta a sua especial occupação, durante o tempo que lhe dava de liberdade o assiduo apaixonado.

Como fossem pobres, o casal Bastião, alugaram um casarão velho, um sobrado do tempo do jannambura e sublocavam alguns trechos do dito, para desse rendimento pagarem o aluguel ao senhorio, o que, aliás, o não livrava do calote, porque os que caíam na patetica de sub-alugar algum quarto, em pouco tempo levantavam o acampamento, sem deixar os respectivos *boras*.

Estes não deixavam de fazer de qualquer modo muito bem, porque, com effeito, cair alli era o mesmo que dizer que estava na desgraça!

Durante a estada do Bastião fora de casa, as duas mulheres, para illudirem a visinhança e patentearem a sua virtude domestica, as ave-maria, fechavam-se todas e ficavam os sublos cafarios tambem fechados, porque o casarão só tinha uma porta para serventia commum.

Não satisfeitas de trazerem os seus inquilinos tão contrariados, os traziam espionados, espreitando-lhes a vida, para dar pasto á Sinhá e assumpto para a maledicencia, o seu passa-tempo predilecto.

Não obstante a Sinhá partilhar, quasi que exclusivamente o seu tempo—na occupação muito seria de tratar da vida alheia e nos negocios inherentes ao seu amor com o amanuense, sempre achava uns instantesinhos folgados para entreter algumas correspondencias amorosas com outros *coitósinhos*, que andavam-lhe no encaleço e a tudo ella acudia, esparta como um azougue.

O serviço de fechar a porta ao bater das Trindades, esse a Sinhá não permittia á ninguem. Era só della.

E tinha as suas razões, porque—era a porta cerrada e o amanuense—mettido dentro.

E não tinha duvida. Toda a visinhança louvava essa virtude austera d'aquellas duas mulheres modelos—que não davam o minimo ensejo ao dente da Calumnia de mordel-as.

No dia seguinte, antes que a aurora saísse pelas portas do Ceo abertas, o Manequinho saia pela porta semi-cerrada do seu paraiso de Mahomet...

E é assim que se escreve a historia...

Não ha nada como a virtude...

Mas, uma tardinha o Manequinho não appareceu e a porta não se fechou sobre um vulto.

Outra noite o Manequinho não tornou a apparecer.

Terceira noite, a mesma coisa. Ou o amanuense estava doente ou estava marambando.

A cabrochasinha queimou-se... Desaforo!

A quarta noite a porta cerrou-se e fechou-se sobre alguém.

Pela madrugada immediata a porta abriu-se, mas não saiu um vulto costumeiro. Saíram dois vultos.

Desconfiando da deslealdade do Manequinho, a Sinhá ouviu os queixumes do Francelino. Aceitou os seus protestos de amor e nessa madrugada fatidica, azulou, deixando para o Manequinho as saudades do passado e as recordações suaves do seu amor apaixonado.

O Francelino era foguista de um dos vapores da Fluvial.

Soubes encandescer até a maxima pressão a machina do coração da moça, por tanto tempo resfriado pelo conchego apathetico e gelido do Manequinho.

Ora ali está o que é a virtude da maior parte das mulheres.

G. R.

(Das Coisas do Norte.)

## CARTA DE UM AMIGO

I

Bom dia, Carlos.

Saúde.

Depois de ler «O Condor»  
E de pensar no que pude,  
Vou responder teu favor.

II

Muito gostei da cartinha  
Que me enviaste outro dia  
E li-a linha por linha,  
Cheio de grande alegria.

III

Tu me fallaste dos ninhos,  
Do céu azul da manhã,  
Dos mimos passarinhos,  
Da creança ouçã;

IV

Fallaste assim delirante  
Das nossas bellas mangueiras,  
Mas não trataste um instante  
Das verdejantes palmeiras;

V

Das palmeiras verdejantes,  
Da terra das poesias;  
Cujos leques farfalhantes  
Cantava Gonçalves Dias!

VI

Fallaste das raparigas,  
Até do só me fallaste...  
E livre, pois, de fadigas,  
De tudo emfim tu trataste.

VII

Mas não fallaste um momento  
Do que está além dos céus...  
Não deixes no esquecimento  
O doce nome de Deus!

VIII

E depois, sem mais tardança,  
Tu disseste alegremente  
Que nutrias a esperança  
De me escrever brevemente,

IX

Se acaso a tua missiva  
(Disseste bastante amavel,  
Numa linguagem captiva)  
Me fosse um tanto agradavel.

X

Eu declaro, ao responder,  
Para a tua intelligencia,  
Que sinto muito prazer  
Co'a tua correspondencia.

XI

Portanto, num qualquer dia,  
Expande as tuas idéas,  
Pois bastante as aprecia  
O teu amigo

Phinêas

## Alvaro de Queiroz

Pela leitura dos jornaes diarios desta capital soubemos ter fallecido no Estado do Pará, no dia 4 do corrente, o nosso conterraneo Alvaro Borges de Queiroz, que por muitos annos alli fóra empregado como guarda-livros de importantes casas commerciaes.

O finado era muito moço, intelligente e bastante estimado na sociedade paraense.

A sua veneranda mãe, a Exma. Senra. D. Thereza de Queiroz, bem como a todos os demais parentes do extincto, «O Condor» apresenta sentidos pesames.

## Intoleravel...

Os senrs. proprietarios da tabacaria «Pollo do Norte», á rua da Calçada, ns. 21 e 23, dizem num *coupon*, ou coisa que o valha, que vem dentro das carteirinhas dos seus afamados cigarros, que o portador delle, receberá, n'aquella tabacaria, a quantia de cem mil réis, si o n. do mesmo *coupon* for igual ao do primeiro premio da

Loteria da Capital Federal, a correr pelo natal em dezembro de 1907, como se pode evidenciar no coupon n. 21340, que veio dentro de uma carteira de cigarros, comprada casualmente por um nosso companheiro. O que, porém, nos admira não é a bondade dos proprietários da «Pollo do Norte», querendo, para se tornarem mais agradáveis ao publico, dar cem mil réis a um qualquer felisardo, e sim o natal de 1907, que já se foi e nunca jamais voltará...

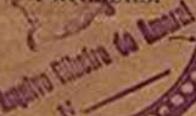
Talvez seja um engano... mas, nestas condições, pedimos aos illustres senrs: que tenham a bondade de rectificar semelhante engano, afim de que o povo não seja lesado em seus direitos, pois, si assim acontecer, será um acto lastante intoleravel...

### Página doirada

Fazem annos:

No dia 11 do corrente as exmas. sanrias dd. Adelia Candida da Cunha e Luiza Maria dos Santos Leão.

Parabens.



I

Seu Gonçalves, seu Moreira,  
Vá procurar outro officio.  
Não nos faça ler asneiras,  
Pois é isto um sacrificio...  
Seu Gonçalves, seu Moreira,  
Vá procurar outro officio!

II

Deixe dormir a Poesia,  
Seu Gonçalves, seu Moreira;  
Por favor deixe a mania  
De rabiscar babuzeira...  
Trate mais da Loteria,  
Seu Gonçalves, seu Moreira!...

Zé Paraguay.

### Concurso de fealdade

Por ter obtido maior votação, no concurso de fealdade, o sr. Antonio Bernardo Calvêt, pomos á sua disposição, no escriptorio da nossa redacção, o par de cordas que, como premio ao feio mais votado, no principio deste concurso promettemos.

	VOTOS
Antonio Calvêt	561
Eudamidas Guadalupe R. Gomes	166
Julio Ramos	107
Manoel Berlic	41
Manoel Biza	20
Fausto Santox	11
Bídico Rodrigues	10
Joaquim Lopes da S. Guimarães	7
Zezeico Lombinha	3
José Lucas	3
Raymundo Cortez	3
Antão da Costa Salles	3
Eugenio Almeida	2
José Araujo	2
Rocio Vidal	2
Joaquim Dominguez de Souza	1
Mario Silva	1

### CONSELHOS D' "O CANDOR"

#### A UM COIÓ

Quando escreveres a uma moça, que não te responda, enforca-te.

#### A UM PATO

Quando tua amada arrancar-te o ultimo vintem e te botar pela porta da rua...

Acido prussico é bom remedio.

#### A UM CAIXEIRO

Se teu patrão não te paga bem; se queres viver melhor, divide comtigo as vendas.

#### A UM TAVERNEIRO QUEBRADO

Se queres ter credito o melhor de sorte, inventa u'a mina de ouro.

Conselheiro.

### PINGO...

Pergunta um gajo zangado:  
«O Condor» sai ou não sai?...  
«Batam no pello escovado  
«Do Gonçalves paraguay!»

Zé Mingo.



### Vovò se damna...

Com a clinica do Dr. Syphon;  
com a cabeça do Zé Guilherme;  
com o frack do M. Rabello;  
com a verbosidade sui generis do Victor Militão;  
com as calças do Joaquim Silva;  
com a barriga do Sebastião Ribeiro;  
com o todo elegante do Benjamim Vieira;  
com o habito exquisitesito do Zé Duro;  
com a cara do Albino;  
com as pernas do Arco-iris;  
com o nariz do Amadeu;  
com a «Cabeça de bagre», do M. França;  
com o palitót do Benedicto C.;  
com... o... cachimbo... de...

Vovò!

### SECÇÃO DOS MORTOS

Proveniente de um ataque de estupidez, falleceu hontem, ás 2 1/2 horas da tarde, o nosso bom amigo João Arco-iris d'Oliveira, Juiz dos Ossos, que gosava de geral estima e sympathia dos que comsigo privavam.

Pesames á sua inditosa protectora, a exma. senr. d. Geribita Canua Torta.

### Noticiario

Na proxima sexta-feira sahirão em solemne procissão, da Cathedral, as sagradas imagens do S. B. Jesus dos Passos e de N. S. da Soledade.

Fica para o n. 9 d'«O Condor» a continuação do artigo—Repe-lindo a ignorancia—do Senr. Zé Caricatura, o qual não foi publicado por ter vindo muito tarde.

Precisa-se de vendedores para este jornal.